

FRIEDRICH NIETZSCHE ZARATUSTRA, OS HOMENS SUPERIORES E A EDUCAÇÃO

FRIEDRICH NIETZSCHE

ZARATUSTRA, THE SUPERIOR MEN AND EDUCATION

Enock da Silva Peixoto

Docente I da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Licenciado em Filosofia pela UNISAL (Universidade Salesiana); Licenciado em Pedagogia pela UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). Mestre em Educação pela UNIRIO.

Rua São Roque- 163; Nova Friburgo-RJ. CEP: 28623-370. Apt 102- Bairro Olaria.
enockpeixoto@hotmail.com. TELEFONE: (22) 997260821.

RESUMO

O tema central deste artigo é: *Zarathustra, os homens superiores e a educação*. Tais homens superiores são personagens criados por Nietzsche e estão presentes em seu livro *Assim falou Zarathustra* na quarta e última parte da obra. É uma análise do *modus vivendi* predominante no Ocidente e indica como o filósofo alemão abordou a formação humana. O objetivo é esclarecer a perspectiva educativa presente no debate do personagem central com os homens superiores. Estes são empregados por Nietzsche para estabelecer uma crítica a diversos modos de vida do homem moderno, propondo, em contrapartida, outros horizontes de interpretação da vida. O texto abaixo desenvolvido é parte de minha dissertação de mestrado cujo título é: *Nietzsche: uma perspectiva sobre a educação em Assim falou Zarathustra*.

Palavras Chave: Zarathustra, homens superiores, educação.

ABSTRACT

The central theme of this article is: *Zarathustra, the superior men and education*. Such superior men are characters created by Nietzsche and are present in his book *Thus Spoke Zarathustra* in the fourth and last part of the work. It is an analysis of the predominant *modus vivendi* in the West and indicates how the German philosopher approached human formation. The objective is to clarify the educational perspective present in the debate of the central character with the superior men. These are employed by Nietzsche to establish a critique of the various ways of life of modern man, proposing, on the other hand, other horizons of interpretation of life. I stress that the text below developed is part of my master's dissertation whose title is: *Nietzsche: a perspective on education in Thus Spoke Zarathustra*.

keywords: Zarathustra, superior men, education.

1. O sacrifício do mel, uma introdução ao encontro com os homens superiores

O capítulo, *O sacrifício do mel*, inicia a última parte do livro *Assim falou Zaratustra*, nele, após diversas aventuras relatadas nas partes anteriores do livro, o personagem Zaratustra lembra-se que passaram já muitos anos, de modo que ele ficou com os cabelos brancos, porém ele não se importara com esta passagem do tempo (NIETZSCHE, 2010). Ele se tornou maduro, já não busca mais a felicidade, e sim *a sua obra*.¹ Ele diz aos seus animais- a águia e a serpente²: “O que se passa comigo, dá-se com todos os frutos que amadurecem” (NIETZSCHE, 2010, p. 282). Eis um trecho importante para pensarmos a questão educativa em *Zaratustra*. Não se importar com a passagem do tempo é um indicativo de maturidade, trata-se de um comportamento não de alguém que se acomoda diante de uma circunstância que não pode ser mudada, apenas a aceitando passivamente. Ao contrário, para o personagem principal da obra em estudo, antes de atingir essa calma, essa maturidade, esse sentimento de harmonia, muitos turbilhões e situações complexas foram vividos. A questão essencial é que ele se tornou um fruto amadurecido e não desdenha a vida, praguejando-a e a maldizendo, já que tem o equilíbrio de quem aprendeu a dizer *sim*.

Os animais propõem ao personagem central que ele suba a um alto monte, donde é possível ver *mais mundo*. Zaratustra considera essa sugestão excelente e pede que providenciem para que lá haja mel, pois quer fazer o *sacrifício do mel* (NIETZSCHE, 2010). Essa ideia fora apenas um pretexto, pois ao chegar ao monte ele dispensa os animais já que lá em cima se sente mais livre para falar do que diante de eremitas e dos seus animais domésticos (NIETZSCHE, 2010). O alto é um lugar simbólico, espaço-tempo onde nem todos os homens podem ou querem chegar; do alto é possível *ver o mundo* de forma mais ampla, já entre eremitas e animais domesticados é difícil dizer o que Zaratustra pretende.

Afirmar que desejava mel, sustenta Zaratustra, era apenas uma isca, pois, para ele, o mundo é como uma escura selva povoada de animais ou um *mar cheio de peixes e crustáceos*: lugar propício para caçadores e pescadores (NIETZSCHE, 2010). Observemos que, de alguma forma, encontramos uma perspectiva educativa, porque se analisa o mundo como o lugar no qual se pode

¹ Em vários momentos do livro, Zaratustra se remete à *sua obra*. Este termo se refere ao que ocorrerá no capítulo *O Sinal* (NIETZSCHE, 2010), o último do livro no qual o personagem admite que “o grande meio dia” e a “sua hora chegou”; que “os seus filhos estão para chegar”. A *obra*, porém, não visa um fim, um objetivo, mas trata do propósito central de Zaratustra que é atingir a superação de si próprio, *tornando-se o que se é* e encontrar discípulos que apontam para um futuro intensificador.

² A águia e a serpente são os animais que durante boa parte do livro acompanham Zaratustra e são denominados por ele de amigos. Neste momento do texto, eles são símbolos do *eterno retorno* e sabem, assim como Zaratustra, avaliar a vida de modo afirmativo. Fink denomina tais animais como símbolos do orgulho e da sabedoria, “são atributos conscientemente escolhidos, em contraste intencional com a humildade e com aquela “pobreza de espírito” diante da qual a sabedoria deste mundo se transforma em loucura-são virtudes anticristãs” (FINK, 1983, p. 75-76).

formar “os homens superiores”, os que criam a sua própria *ética*. Zaratustra diz que lança no mundo, no *mar dos homens*, a sua *cana de pesca*. “Com a sua melhor isca, quero hoje físgar os mais singulares peixes humanos.” (NIETZSCHE, 2010, p. 283). É importante salientar que esses “peixes humanos” são buscados no *mar do mundo*. O mar é o lugar do embate, da tensão, do paradoxo, onde ele quer pescar os melhores peixes. Não é mais a busca por todos, no meio da multidão, na praça pública – onde os comportamentos são idênticos – mas no mar ou na selva, onde reina a coragem de lutar e assumir a vida como um risco.

Zaratustra quer trazer do fundo dos mares aqueles que podem subir até a sua altura: “Porque tal como sou eu, no mais fundo do meu ser e desde o início: alguém que tira a si, para cima, para o alto, um tirador, criador e tratador, que não em vão, um dia determinou a si: *Torna-te quem és!*”³ (NIETZSCHE, 2010, p. 283). O protagonista busca “pescar” homens que, como ele, aprenderam a dar um rumo a si mesmos, a serem aquilo que eles poderiam ser. Ele ficou no monte à espera do sinal de que chegara o tempo de sua descida; está nos altos *montes sem paciência nem impaciência*, pois já não mais padece. Como comenta Fink, do alto da sua montanha “lança aos peixes humanos o isco do mel da sua secreta felicidade de solitário e da sua liberdade nas montanhas [...] é o solitário que suporta a solidão, o ateu que sabe viver sem Deus” (FINK, 1983, P. 123). O sofrimento que Zaratustra passara em vários momentos no decorrer do seu percurso, sobretudo a dificuldade de afirmar o seu saber abissal, o eterno retorno⁴, é neste momento ultrapassado porque soube colocar a seu favor o tempo. Desde o início, ele fora afirmador da vida, determinou-se *a ser o que se é* e buscou “pescar” homens que fossem como ele.

³ “Como tornar-se aquilo que se é” é o subtítulo da última obra publicada em vida por Nietzsche, *Ecce Homo*, publicada em 1888. O termo provém de uma máxima do poeta grego Píndaro. “Tornar-se o que se é – conforme comenta Dias – nada tem a ver com o saber, o poder e a vontade como atributos de um sujeito que sabe o que quer; é, ao contrário, um desprender-se de si, uma coragem para lançar-se no sentido do proibido, uma travessia [...]” (DIAS, 2011, p. 130).

⁴ Este é um dos conceitos fundamentais da filosofia de Nietzsche, o filósofo, muito coerente com o seu estilo, não elabora uma terminologia fechada para o mesmo, mas deixa apenas indícios que possibilitam a sua interpretação. É formulado de modo mais preciso nos capítulos *O convalescente* e *Da visão e do enigma* de *Assim falou Zaratustra*: Tais como: “Tudo aquilo, das coisas, que pode caminhar, não deve já, uma vez, ter percorrido esta rua? Tudo aquilo, das coisas, que pode acontecer, não deve já, uma vez, ter acontecido, passado, transcorrido? E se tudo já existiu: que achas tu, anão, deste momento? Também este portal não deve já ter existido? E não estão as coisas firmemente encadeadas, que este momento arrasta consigo todas as coisas vindouras? Portanto – também a si mesmo? . E essa aranha que rasteja ao luar, e o próprio luar, e eu e tu no portal, cochichando um com o outro, cochichando de coisas eternas – não devemos todos, já ter estado aqui?” (NIETZSCHE, 2010, p. 194). Trata-se do discurso de Zaratustra com o anão, o personagem que no livro simboliza o peso, a negação da vida. O discurso de ambos sobre o eterno retorno, nessa passagem, se aproxima. Entretanto, a diferença entre ambos é de perspectiva: a do anão induz o homem a assumir uma atitude de completa negação. Zaratustra, inversamente, o compreende de forma positiva, como a máxima expressão de aceitação da vida, pois dela absolutamente nada deve ser retirado. Afirmer o retorno de todas as coisas é afirmar a vida, a existência terrena, com as suas tensões e alegrias.

2 Os homens superiores e a educação

O primeiro homem superior é apresentado no capítulo *O grito de socorro* onde se narra o reencontro do personagem central com o adivinho, aquele que, na primeira parte do seu itinerário, o hospedou e dissera: “Tudo é igual, nada vale a pena, o mundo não tem sentido, o saber sufoca.” (NIETZSCHE, 2010, prólogo). Zaratustra o chama de profeta do *grande cansaço*. O adivinho⁵ faz uma extensa ladainha pessimista e repete as suas teses negativas: “tudo é igual, nada vale a pena, inútil é a procura, não mais existem, tampouco, ilhas bem-aventuradas.” (NIETZSCHE, 2010, p. 287). Ele é portador da desesperança, da negação da vida. Durante um momento, põe Zaratustra em um profundo abismo. Conforme comenta André Martins, o personagem em estudo deixou-se “influenciar pelo adivinho, foi porque sentia ‘uma solidão mortal’ no silêncio de seu isolamento.” (MARTINS, 2011, p. 460). Contudo, Zaratustra continua o caminho em busca do “homem superior”. Fink defende que este personagem [o adivinho] “é o profeta do futuro niilismo.”⁶ (FINK, 1983, p. 124). Constatamos nele uma concepção de mundo pessimista, no sentido de que não mais acredita em nenhum fundamento. Resta a ele a negação completa da vida e, ao negar, abre-se também a possibilidade da afirmação, descortina-se a chance do cultivo de si. O adivinho é o profeta da negação, sendo um inconformado com o tempo vigente, isto é, com a vida do homem moderno. Ele traz em si um forte sentimento de rejeição da existência o que é um impulso à superação de si mesmo, à possibilidade de ser singular.

Colóquio com os reis é uma seção da obra que alude a outros homens superiores, *os dois reis*. Eles estão fugindo dos reinos, dos *bons costumes e da boa sociedade*. Afirma um dos reis: “De que, então, estamos fugindo? Não é dos bons costumes? Não é da nossa boa sociedade? Antes, na verdade, viver entre eremitas e pastores de cabras do que com a nossa plebe revestida de ouro [...] ainda que se chame boa sociedade” (NIETZSCHE, 2010, p. 289). Os reis são críticos do estilo de vida a que estavam habituados – aludem às experiências de rebanho do homem moderno – e, por isso, vão ao encontro de Zaratustra. Vale salientar que a sua atitude é diferente daquela do homem

⁵ Salientamos que a imagem do adivinho remete a Schopenhauer, filósofo pessimista que segundo Nietzsche teria contribuído para a construção de uma moral decadente por sustentar que o que move o homem é a *vontade de viver*. Afirma Nietzsche: “Quando falamos de valores, falamos sob a inspiração, sob a ótica da vida: a vida mesma nos obriga a instaurar valores, a vida mesma valoriza através de nós *quando* instauramos valores... Daí se segue que também aquela *contranatureza da moral*, que toma Deus por conceito contrário e condenação da vida, é apenas um juízo de valor da vida. *De que vida? De que tipo de vida?* – Mas eu já dei a resposta: da vida decadente, enfraquecida, cansada, condenada. A moral, tal como foi entendida até aqui – como por fim foi ainda formulada por Schopenhauer, como “negação da vontade de vida” –, é o próprio *instinto da decadência* que se transforma em imperativo. Ela diz: “*Pereça!*” Ela é o juízo dos que foram condenados...” (NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*, 2008, p. 47).

⁶ O termo niilismo está associado na filosofia de Nietzsche a uma atitude de negação da vida.

que advertiu o personagem central das loucuras da grande cidade, mas permaneceu lá sem ter a coragem de buscar novos horizontes. Os reis, pelo menos, desprezam o estilo de vida que levavam e o abandonam, procuram novos caminhos. Eles estão sufocados pela vida superficial que levavam e afirmam: “Eu sufoco desta náusea: de que nós mesmos, os reis, nos tornamos falsos, cobertos e disfarçados pelo velho e desbotado fausto de nossos avós” (NIETZSCHE, 2010, p. 290). Os reis apresentam uma perspectiva singular porque se mostram insatisfeitos e se recusam a repetir as atitudes e superstições aparentes da “vida monárquico-estatal”, isto é, a repetição de velhos comportamentos que os induzem a não serem eles mesmos. Segundo Fink, eles: “têm bastante do caráter aparente da sua realeza; já não são senhores, nem guerreiros, já não querem o poder, são os netos tardios dos guerreiros, desprezam a falsa representação do Poder que já não é realmente Poder [...]” (FINK, 1983, p. 124). Zaratustra, que ouvia escondido a conversa entre os reis, se apresenta a eles e diz: “Eu sou Zaratustra que, certa vez, disse: ‘Que importância tem todos os reis!’ Perdoai-me, mas me alegrei quando dissestes um ao outro: Que importância ainda temos nós, os reis!” (NIETZSCHE, 2010, p. 124). A autocrítica dos reis alegra Zaratustra, já que estes que buscam o homem superior são também superiores, pois deram pelo menos um passo para se autossuperarem.

Em *A sanguessuga*, o “homem superior” apresentado é o *consciencioso do espírito*. Este fora encontrado por Zaratustra enquanto caminhava em busca do “homem superior”, apontado pelo adivinho. O consciencioso fora também picado várias vezes por sanguessugas e, por isso, encontrava-se caído e enfraquecido (NIETZSCHE, 2010). Zaratustra se apresenta e o consciencioso se sente feliz por conhecer aquele que denomina “a grande sanguessuga das consciências”. Após longa conversa, ele se apresenta a Zaratustra e diz qual é o seu ofício. Zaratustra o pergunta se é o pesquisador da sanguessuga e ele diz que é apenas um mestre e conhecedor do cérebro da sanguessuga; e esse é o seu mundo (NIETZSCHE, 2010). Nessa passagem, vemos uma crítica ao especialista, ao homem do conhecimento que se dedica a apenas uma parte do saber sem ter o domínio e compreensão do todo. Nesse sentido, diz o consciencioso: “É o que de mim exige minha consciência do espírito: que eu saiba uma coisa e, de tudo o mais, não saiba nada; repugnam-me todos *os meios termos* do espírito, todas as mentes nebulosas, oscilantes, exaltadas” (NIETZSCHE, 2010, p. 296). Com essa metáfora do consciencioso, Nietzsche critica o homem da ciência, do saber especializado, que é capaz de abordar com precisão uma parte limitada do saber desconsiderando a totalidade. Para o especialista, o importante é a perspicácia na exatidão, “julga tudo objetivamente e usa sempre a sua poderosa lente de aumento para não deixar passar um milímetro desta preciosa

verdade” (VANDERLEI, 2011, p. 408). O formalismo do homem de ciência desconsidera “os meios termos”, renegando o espaço para o incerto, minimizando o surgimento das “leituras” diversificadas de mundo.

O consciencioso sabe de sua atitude de especialista. Esse fato o torna um homem superior. Quando se abre à possibilidade de superação, embora não amplie a sua pesquisa para além do cérebro da sanguessuga, compreende que isto é uma limitação. Nietzsche, com a figura do especialista, ironiza o homem da ciência que se fixa em um saber específico, pretendendo com este envolver toda a realidade. Ele sabe muito sobre uma parte limitada, mas não consegue perceber a diversidade no mundo; propõe o absurdo de abarcar a complexidade da existência em uma teoria. Sobre isso comenta Eugen Fink: “para Nietzsche, ele é o símbolo da ciência positiva que, sem dúvida, perdeu a vontade de relação, se afundou na especialização extrema, mas renuncia expressamente a todos os domínios do saber onde apenas se arvora um pretenso saber.” (FINK, 1983, p. 124). O consciencioso do espírito trata com tanta rigidez o seu conhecimento que é sugado pelo seu desejo de dominar a realidade, é picado por muitas sanguessugas a ponto de ficar sem forças; o seu desejo de conhecimento o oprime, o sufoca, é o especialista que deixa sugar sua energia vital, estudando coisas estéreis para a existência. Nietzsche questiona o saber demasiado especializado, muito comum na ciência de sua época, estabelecadora de teorias que minimizam as forças vitais humanas e dificultam a expansão da vida.

O outro homem superior é *O feiticeiro*, citado no capítulo de mesmo nome. Continuando a sua caminhada, Zarathustra avistou alguém que caíra “de bruços no solo” (NIETZSCHE, 2010, p. 297). Ele acreditou que havia finalmente encontrado o homem superior, mas era apenas um velho com dificuldades de ficar em pé, aparentava não ter consciência do que ocorria à sua volta, parecendo *abandonado pelo mundo e forçado à solidão* e emitiu um longo lamento (NIETZSCHE, 2010). Logo em seguida, Zarathustra fala com ele, o espancando com um bastão. Tratava-se do feiticeiro que o pedira para parar de batê-lo (NIETZSCHE, 2010). O personagem central descreve o feiticeiro como um enganador – alusão a Wagner e à sua música⁷ – como alguém que só vive para trapacear. O diálogo toma outro rumo quando o enganador afirma: “estou cansado disso! Minhas artes me repugnam, eu sei que não sou grande, que me vale disfarçar-me! Mas tu bem o sabes, eu

⁷ Nietzsche foi amigo e admirador do músico Richard Wagner durante um período de suas vidas, mas, eles se desentenderam posteriormente, e tanto o músico, quanto o filósofo Arthur Schopenhauer, ambos fontes de inspiração de seus primeiros livros (sobretudo, *O nascimento da tragédia*, primeira obra publicada pelo filósofo e explicitamente influenciada por estes dois personagens), que se tornaram depois fontes das mais agudas críticas de Nietzsche que os considerou símbolos da decadência da cultura alemã de seu tempo.

procurei a grandeza! Ó Zaratustra, tudo, em mim, é mentira; mas que eu sucumba, esse meu sucumbir é verdadeiro!” (NIETZSCHE, 2010, p. 302). Essa atitude do velho feiticeiro – o velho Wagner – faz Zaratustra afirmar: “E isto é o que tem de melhor e mais honesto [...] e o que eu respeito em ti: que te cansaste de ti mesmo e disseste: ‘Não sou grande’.” (NIETZSCHE, 2010, p. 303). O feiticeiro foi sincero, admitiu que pretendia ser grande sem sê-lo de fato e essa atitude o tornara superior. Ao assumir a pequenez, abriu espaço para adotar uma atitude de grandeza.

Fink assinala que o feiticeiro: é “o artista que já não vive nada realmente, que já não possui autenticidade [...] que vive das velhas máscaras de uma existência outrora repleta.” (FINK, 1984, p. 124). As palavras dele, ao tentar enganar Zaratustra, indicam que se trata do homem “piedoso”, tanto que o personagem central diz que ele não apenas fingia ser um “penitente do espírito”, mas tinha de fato algo dos homens que criam teorias enganadoras e as estabelecem como se fossem uma verdade universal e inabalável. Nietzsche aponta que o homem não deve viver na mentira, isto é, projetar significações que o distanciam de si, criando teorias que justifiquem uma “grandeza” inexistente. A perspectiva singular nesse personagem é proporcionar a si, através do reconhecimento de sua pequenez, a possibilidade de recriar-se, de constituir um modo de vida que ultrapasse aquilo que sempre fora, o disfarce de um *grande homem*.⁸

No capítulo seguinte, intitulado *Sem ofício*, Zaratustra inicia o texto maldizendo o fato de ter encontrado outro homem da religião: “ali está uma tribulação mascarada e, ao que me parece, da raça dos padres; que pretende essa gente no meu reino?” (NIETZSCHE, 2010, p. 305). Era o velho papa, outro homem superior que Zaratustra encontra no seu caminho. Estava ele sem ofício, pois *Deus não vivia mais* e o ancião servira este velho Deus até o fim (NIETZSCHE, 2010). Nietzsche está assinalando que o homem religioso busca até o fim um refúgio graças ao qual possa alimentar a sua fé. Somente quando todas as possibilidades estão esgotadas, o velho busca Zaratustra, o “sem Deus.” O papa “é o homem que respeita; o homem cuja natureza é venerar e abençoar, embora saiba que está morto aquele em nome de quem abençoava” (FINK, 1983, p. 125). É uma imagem muito forte, pois o papa é a figura suprema da hierarquia do catolicismo, aquele que “sustenta a fé”. Mesmo assim, ele tampouco encontra alternativas que não seja outra que a de admitir que os valores

⁸ É importante salientar que Nietzsche considera “grandes homens” aqueles que souberam conquistar uma autenticidade exclusiva e se tornaram exemplos para outros homens. Tanto que afirma: “o grande homem precisa, para poder existir, ter domínio sobre uma força que seja maior que a força de resistência que é desenvolvida por milhões de indivíduos.” (NIETZSCHE, F. *Fragmentos finais*, p. 37). Podemos citar que Goethe, Wagner, Schopenhauer foram, para o filósofo, alguns destes raros exemplos aos quais ele não seguiu cegamente, mas instituiu um percurso próprio a partir do que considerou contribuições e equívocos nessas grandes personalidades.

transcendentes não têm mais vigência para darem sentido à vida humana. Zaratustra pergunta se não fora a compaixão pelos homens que teria matado o velho Deus. Ele indaga se o fato de vê-lo [o homem] pendurado numa cruz se tornara o seu inferno e por isso ele teria sucumbido? (NIETZSCHE, 2010, p. 306). O papa não responde a esta indagação, após um longo silêncio diz que sobre as coisas divinas entende mais que Zaratustra, pois delas se ocupara a vida toda (NIETZSCHE, 2010). O papa comenta que:

Quando era jovem, esse Deus vindo do Oriente, era duro e vingativo e edificou um inferno para deleite de seus prediletos [...].

Finalmente, porém, ficou velho e mole e combalido e compassivo, mais semelhante a um avô que a um pai e mais semelhante, ainda, que a qualquer coisa, a uma avó trôpega (NIETZSCHE, 2010, p. 307).

Após tais palavras, Zaratustra se admira do fato de o papa ter visto nisso a decadência de Deus com os seus olhos, e diz que ele pode ter morrido deste ou de outros modos, como ocorre *com todos os deuses mortos*. O significativo de fato é que esse deus está morto definitivamente (NIETZSCHE, 2010). O que importa, após tal constatação, é o papa possibilitar a si a chance de dar à vida outro rumo, por isso Zaratustra disse: “não penses mais nele, está morto.” (NIETZSCHE, 2010, p. 306). Se o papa pode redimensionar a sua vida, significa que todos os crentes também podem fazê-lo. Nietzsche, através desses homens, aponta de novo para os rumos da cultura ocidental, que se pautou em valores ultraterrenos, mas agora pode reinventar um destino terreno e, como afirma Zaratustra: “É melhor não termos nenhum Deus, é melhor forjarmos o destino com as nossas próprias mãos, é melhor sermos doidos, é melhor sermos Deus nós mesmos” (NIETZSCHE, 2010, p. 308). Conforme ocorre em vários momentos da obra, Nietzsche acena para a importância de o homem construir, com as “suas próprias mãos”, o seu percurso. Durante séculos, o ocidente sustentou a sua existência, tendo como fundamento uma doutrina baseada em um Deus que agora está morto, logo, não podendo mais acreditar na sua presença, o homem pode traçar o caminho em direção a si mesmo. Ajudar o velho papa a desvencilhar-se da sua crença é dimensionar o homem moderno a recriar o seu caminho para afirmar sentidos terrestres, oriundos da força que emerge do mais particular do ser humano.

O mais feio dos homens é o capítulo da sequência e, neste, Zaratustra faz um interessante comentário sobre o que havia vivido até aquele momento: “Que boas coisas, dizia, me ofereceu este dia [...]. Que estranhos interlocutores encontrei! Vou, agora, mastigar longamente suas palavras como um bom trigo; triturá-las, deverá meu dente, e esmoê-las, até que, como leite, escorram para a minha alma!” (NIETZSCHE, 2010, p. 309). Zaratustra considera que o encontro com aqueles homens foi

frutífero, com eles ele pôde aprender ensinamentos relevantes. São homens com experiências negativas da vida, mas que souberam buscar perspectivas inovadoras. São poucos os momentos em todo o livro nos quais Nietzsche admite que o seu personagem principal está aprendendo algo com alguém. Isso ocorreu com os pescadores⁹, por exemplo, que são homens que enfrentaram as adversidades do mar da vida; já com os homens superiores, o elogio é nítido e isto se dá porque eles apontam para a possibilidade da superação de si.

Na sequência do capítulo, Zaratustra se depara com uma paisagem árida, sem vida, um local que todos *os animais evitavam*. Tal lugar trouxe a Zaratustra tenebrosas recordações (NIETZSCHE, 2010). Viu em seguida uma figura inominável, que parecia um ser humano, e se sentiu envergonhado do que os seus olhos enxergavam. O homem pede a Zaratustra que descubra o seu enigma, isto é, quem ele era, e Zaratustra descobre que era *o mais feio dos homens*. “O homem feio significa a náusea que o homem inspira a si próprio; enquanto [...] tiver consciência do que existe nele de fragmentário, de enfermo, enquanto [...] quiser afastar-se de si próprio tem ainda [...] certa ideia de grandeza [...]” (FINK, 1983, p. 125). Ele fora o assassino de Deus que passou a ser desprezado pelos homens, não com ódio, mas *com compaixão*, por isso busca refúgio na companhia de Zaratustra (NIETZSCHE, 2010). O homem horrendo, representa o *último homem*¹⁰ da modernidade que *reduz ao mínimo a potência humana*. Esse personagem orgulhosamente crê que com a ciência vai melhorar o mundo, mas esconde na alma a *fealdade*, a pobreza do seu espírito (SOUZA & LOSSO, 2011). O homem feio é também um dos homens superiores, “é também um homem moderno e pequeno, porém não é satisfeito, não aceita esta realidade, não pode conviver nem consigo mesmo” (SOUZA & LOSSO, 2011, p. 121). Sendo um inconformado, pode elevar-se, “só o homem que se satisfaz consigo [...] é um homem perdido” (FINK, 1983, p. 125). Por essa razão, Zaratustra o acolhe, pois nele ainda é possível vislumbrar a autossuperação.

A compaixão, acima citada, é aqui analisada como algo extremamente inibidor do vigor humano, tanto que o homem preferira ser odiado a que sentissem compaixão por ele. Este é um sentimento fraco e mentiroso, pois põe o homem para fora de si, o instiga a “sentir com” a dor do

⁹ Trata-se de viajantes que aparecem no capítulo *O viandante de Assim falou Zaratustra*. Paulo César de Souza interpreta que os viajantes são tentadores e tenteadores. Segundo o tradutor, os termos se referem àqueles que estão em busca *de mundos a descobrir* (SOUZA, *in*: NIETZSCHE, 2010, p. 329-nota de rodapé). Eles são os que buscam novos horizontes, não há certezas nem caminhos já estabelecidos. O viver dos viajantes não está sustentado na certeza, no pré-determinado, mas no desbravamento de caminhos diversificados.

¹⁰ O último homem é símbolo do niilismo moderno, para Fink ele “representa o homem moderno que perdeu a esperança no idealismo, sem entusiasmo, perdeu a vontade de arriscar, já não mais vive, mas apenas conduz os seus dias tediosamente, mas este homem pequeno, que “nada quer” (Cf. FINK, 1983, p. 71).

outro. Na perspectiva nietzschiana, isso é um engodo, porque a verdadeira experiência é própria. A esmola seguida do sentimento de compaixão é algo que irrita o mais feio dos homens. Na sequência, o homem feio diz que outro teria lhe jogado esmolas, mas Zaratustra apenas se envergonhou ao vê-lo e isto o honrou (NIETZSCHE, 2010). Notemos que quando Zaratustra chegou àquele lugar sem vida, sentiu-se frustrado, com lembranças lúgubres. O homem mais feio alertou que esse é um caminho que torna a vida um peso, é desse pessimismo que ele parece querer livrar Zaratustra. O protagonista da obra em estudo diz ao interlocutor: “Tu, exilado que a ti mesmo te exilaste, não queres viver no meio dos homens? Pois muito bem, faz como eu! Aprende também alguma coisa de mim; somente agindo se aprende” (NIETZSCHE, 2010). A sentença “aprende também algo de mim” significa que Zaratustra estava aprendendo com aquele homem superior. Um aspecto do seu ensinamento indica que o assassino de Deus trazia uma esperança, a possibilidade de propor ao homem moderno algo diverso do que criara durante séculos; um estilo de vida descentrado de si. O homem feio se exilou dos seus contemporâneos e o seu desprezo aponta para outras expectativas. O matador de Deus indica: o ser humano pode ser arquiteto do seu próprio projeto existencial. O protagonista da obra em análise, ao dizer que só se aprende agindo, está pondo a ação como alvo de todo ensinamento. É com e através da vida que se aprende a criar mundos, a instituir caminhos. Zaratustra ensina a aprender na ação, no contato com as experiências concretas, as boas e as más. Indica que o homem não deve ser passivo, inerte, repetidor do que já foi criado, mas ser “obra de arte de si mesmo”¹¹, pois na ação ele deixa naquilo que faz a marca daquilo que lhe é mais genuíno. Zaratustra afirma também que aquele interlocutor é um grande desprezador e que não encontrara até então quem se desprezasse tanto. Ele ama os grandes desprezadores, pois o homem é algo que *deve ser superado* (NIETZSCHE, 2010, p. 314). O ensinamento da superação de si, do desprezo por aquilo que se é, indica que o homem pode empreender um decurso: tornar-se o que se é.

O mendigo voluntário é o homem superior que aparece posteriormente. Ele “renuncia a todos os bens e vagueia pelas montanhas pregando a doçura, é também um nostálgico e [um homem] que procura” (FINK, 1983, p. 125). Caminhando nas suas montanhas, Zaratustra encontra este homem perto das vacas, tentando descobrir com elas “a felicidade na terra” (NIETZSCHE, 2010, p. 314-316). Ele era *um pregador da montanha* que, sendo muito rico, deixara os ricos e a riqueza para

¹¹ Na obra de Rosa Dias – *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011 – a comentadora propõe a interpretação do ser humano como obra de arte de si mesmo segundo a perspectiva nietzschiana. Segundo a autora, o homem deve “sair da posição de criatura contemplativa e atribuir os hábitos e os atributos do criador, ser artista de sua própria existência.” (2011, p. 20).

viver e partilhar com os pobres, mas foi por eles desprezado, por isso, escolheu conviver com os animais. Das vacas, afirma ele, deve-se aprender a *ruminar* (NIETZSCHE, 2010). “O reino dos céus está entre as vacas” (NIETZSCHE, 2010, p. 316), não mais entre os pobres que impulsionam a rebelião plebeia e dos escravos (NIETZSCHE, 2010). Nietzsche critica, novamente, o homem da *grande cidade*, que deturpa o comportamento nobre, colocando aquilo que é vil e serviçal como se fosse o comportamento norteador dos seres humanos. Lembremos que Nietzsche recrimina veementemente o agir sabujo que enfraquece a expansão dos homens. A postura plebeia dominante na ciência, na política, na religião, na vida em sociedade, conduzindo a atitudes servis, garante o *status quo* em detrimento da ampliação da potência, minimizando as forças vitais, os impulsos criativos.

Zaratustra provoca o mendigo perguntando por que ele não distribuiu entre os ricos os seus bens. Ele compreende que está sendo posto à prova e responde:

Sabes disso ainda melhor do que eu. Que foi que me levou para os pobres [...] não foi a repugnância aos nossos ricos [...]. A essa plebe revestida de ouro, falsificada, cujos pais eram ladrões ou abutres trapeiros, casada com mulheres complacentes, lascivas, esquecediças – para meretrizes, em verdade, pouco falta a todas elas (NIETZSCHE, 2010, p. 317).

Não são somente os pobres que têm um comportamento plebeu, declinante, quando preferem facilidades e viverem à custa de outrem, mas os ricos também. Há homens e mulheres que não construíram nada, mas usufruem do roubo dos seus antepassados e o que aprendem é a trapacear, enganar, buscar a vida cômoda. Esses são, portanto, fracos, não têm em si a nobreza do comportamento guerreiro, do homem que luta com suas próprias forças para conseguir o que precisa. O mendigo afirma que o comportamento plebeu, servil, está entre os ricos e os pobres, por isso ele foi viver com as vacas (NIETZSCHE, 2010). A aptidão mais importante das vacas é a ruminação, diversas vezes elas retornam o mesmo alimento para a boca e estes são só ingeridos quando estão aptos para suprirem de forma eficaz as suas necessidades fisiológicas. Nesta imagem, encontramos uma crítica contumaz ao homem moderno, que aprecia com muita rapidez as coisas sem se debruçar rigorosamente sobre elas. Trata-se de um estilo de vida apressado, disperso, que ignora a “ruminação das ideias” e acaba integrando para sua vida comportamentos e pensamentos sem reflexão, sem analisar que estes podem ser nocivos a uma existência saudável. Além disso, a ruminação se refere à cultura jornalística, “que imperava na modernidade e continua até os nossos dias [...] cuja pressa acaba provocando alterações ‘gástricas’ – a diarreia ou bem a indigestão – e, finalmente o estômago, isto é, o pensamento” (BARRENECHEA, 2009, p. 129). Ao mencionar a ruminação, Nietzsche

crítica um estilo de vida no qual o homem é dominado pelo tempo cronológico, não sendo senhor do seu tempo – tal crítica, infelizmente, ainda pode ser dirigida ao comportamento do homem civilizado da atualidade.

A sombra é o último capítulo que aborda a questão do homem superior. Seguindo o seu caminho, Zaratustra se depara com *uma sombra* e pergunta quem ela é. Esta responde que era um viandante que há muito tempo o acompanhava, que era errante, pois não tinha lugar, não tinha pátria nem lar. A sombra não tem origem nem destino, embora pareça *eterna* (NIETZSCHE, 2010). O sentido desta última palavra (*eterna*) difere daquele presente na esfera religiosa, pois, crer na eternidade impõe a confiança em um fim, o condicionamento da vida em função de algo que aparentemente está por vir. O judaísmo-cristianismo espera pelo Messias e até que ele venha vive errante em busca da terra prometida. Tais perspectivas são contrastantes para quem é itinerante como a sombra que diz: “terei que estar a caminho de nenhum lugar?” (NIETZSCHE, 2010, p. 320). A sombra diz que andou em várias superfícies, mas foi *atrás de Zaratustra que seguiu por mais tempo*, com ele desejou *tudo o que é proibido* e a virtude que possui constitui em não ter proibições (NIETZSCHE, 2010). A sombra se apresenta como sem lei, livre, aberta para o mundo, ousada e contrária a qualquer norma. Imagem expressiva para entender a perspectiva singular de Zaratustra que sempre almeja a liberdade, a construção de si mesmo, o estabelecimento de valores que provêm de si e não da coerção social, por isso, ele diz: “Viver como me apraz ou não viver de todo: assim quero...” (NIETZSCHE, 2010, p. 321). Zaratustra reconhece que se trata de sua própria sombra e acentua o perigo que ela corre. Por ser *errante e sem pouso* é fácil que caia em prisões: “Já viste, algum dia, como dormem os criminosos encarcerados? Dormem tranquilos, gozam a sua nova segurança” (NIETZSCHE, 2010, p. 322). A sombra corre o risco de cair em ilusões exatamente pelo fato de ser extremamente livre, “é um perigo permanente da sua própria natureza: a temerária libertinagem intelectual, a alegria inquietante da inexistência de amarras” (FINK, 1983, p. 125).

O adivinho, os dois reis, consciencioso do espírito, o feiticeiro, o velho papa, o mais feio dos homens, o mendigo voluntário e a sombra. São estes os nove homens superiores que Nietzsche coloca como interlocutores do personagem Zaratustra no final de seu livro. Eles são todos protótipos de um determinado estilo de vida humana, fazem parte de um modelo de uma civilização decadente, mas Zaratustra não os despreza. Eles são singulares porque buscam a superação, não são conformados com o estilo de vida que lhes foi socialmente e ou culturalmente inculcado, por isso, são superiores.

Os homens superiores indicam a possibilidade de um caminho singular ao se remeterem à superação do homem aniquilado, ultrapassando o estilo de sociedade em que habitam, “todos esses são homens do grande desprezo, da grande náusea, do grande anseio [...]. Eles representam aqueles que não sabem viver nos dias de hoje, que não aprenderam a resignação” (SOUZA & LOSSO, 2011, p. 122). Vemos que é possível enxergar uma postura educativa em cada um dos homens superiores. Zaratustra aprendeu e age de forma diferente do que fizera na primeira e segunda parte da obra, quando anunciou para a multidão e para os seus discípulos, respectivamente, o super-homem e a vontade de potência. Nesse momento, ele não vai ao encontro de ninguém, todos os homens superiores demonstram ter ouvido a doutrina de Zaratustra e livremente vão ao seu encontro. Eles são aqueles frutos que o personagem central esperava germinar, há um processo de superação neste caso, isto é, os homens superiores escolhem Zaratustra como mestre, admitem que sua doutrina é útil para que eles encontrem horizontes novos. Só se hospeda na caverna de Zaratustra quem tem, de algum modo, a expectativa de superação, quem não está atrelado ao modo de vida do rebanho, quem é capaz de romper com as mazelas do passado e recriar-se. Esses hóspedes podem aprender e ensinar algo junto a Zaratustra, numa atitude diferente do homem gregário que dificilmente entenderia a sua proposta educativa que instiga a *tornar-se o que se é*.

Também observamos como se dá a relação de Zaratustra com os homens superiores. Cada um deles representa um estilo de vida, um aspecto revelador das bases que sustentam as atitudes dos homens e da cultura do ocidente. Eles atingiram até certo ponto a superação e, por isso, o personagem de Nietzsche os considera superiores. O diálogo de Zaratustra com esses homens é um diálogo com a modernidade e até com o nosso modo histórico de viver. Nietzsche aponta para a atitude superior desses homens que, pelo menos parcialmente, estão acima do homem comum, *do homem da praça do mercado*. Eles são, portanto, um caminho para uma diferenciada educação do ser humano e da cultura.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche: vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Presença, 1993.

MARTINS, André. *A experiência trágica na quarta parte de Assim falou Zaratustra*. In: DIAS, R.; VANDERLEI, S.; BARROS, T. (Orgs.). *Leituras de Zaratustra*. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos finais: 1885-1889*. Seleção, tradução e prefácio de Flavio R. Kothe. Brasília: Editora UnB, 2002.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Antônio Carlos Braga. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal- São Paulo: Ed. Escala, 2008.

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mario da Silva. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PEIXOTO, Enock da Silva. *Nietzsche, uma perspectiva sobre a educação em Assim falou Zaratustra*. Dissertação de Mestrado em Educação- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO, 2013.

VANDERLEI, Sabina. *Zaratustra, o homem teórico e o feminino*. In: DIAS, R.; VANDERLEI, S.; BARROS, T. (Orgs.). *Leituras de Zaratustra*. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2011.

SOUZA, Kelly Stenzel P. de. & LOSSO, Eduardo Guerreiro B. *Análise de “Da virtude amesquinhadora” e de “A festa do burro”*. In: DIAS, R.; VANDERLEI, S.; BARROS, T. (Orgs.). *Leituras de Zaratustra*. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2011.

NOTAS